

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**



1290001283



FE

TCC/UNICAMP Sa59s

Mariene dos Santos

**SALA AMBIENTE , TRABALHO POR PROJETOS;
ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

Campinas
2004

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

200417469

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Mariene dos Santos

**SALA AMBIENTE , TRABALHO POR PROJETOS;
ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UNICAMP, para
obtenção do título de Bacharel em
Pedagogia, sob orientação da Profa.
Dra. Maria Lúcia Horta Nogueira

Campinas
2004

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**



1290001283



FE

TCC/UNICAMP Sa59s

Mariene dos Santos

200417469

**SALA AMBIENTE , TRABALHO POR PROJETOS;
ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

Campinas
2004

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Mariene dos Santos

**SALA AMBIENTE , TRABALHO POR PROJETOS;
ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UNICAMP, para
obtenção do título de Bacharel em
Pedagogia, sob orientação da Profa.
Dra. Maria Lúcia Horta Nogueira

Campinas
2004

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	TEC/UNICAMP
	Sa 59s
V:	50
TOMCO:	1283
PRET:	11/10/2004
C:	X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	28/10/04
Nº CPD:	hmad.324855

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Santos, Mariene dos.
Sa59s Sala ambiente, trabalho por projetos: aspectos da Organização do Trabalho Pedagógico / Mariene dos Santos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador : Ana Lúcia Horta Nogueira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Ambiente de sala de aula. 2. Educação artística. 3. Pedagogia de projetos. I. Nogueira, Ana Lúcia Horta. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-160-BFE

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Maria Lúcia Horta Nogueira
(Orientadora)

Profa. Dra. Célia Maria de Castro Almeida
(2ª Leitora)

**SALA AMBIENTE , TRABALHO POR PROJETOS;
ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

Mariene dos Santos

Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Horta Nogueira

O presente texto tem como objetivo relatar a experiência “Pesquisa em parceria: E.E. Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas”, desenvolvido de 1996 a 2000 na escola EE Barão Geraldo de Rezende, localizada no Distrito de Barão Geraldo no município de Campinas. O texto apresenta o grupo escolar envolvido e seus componentes, um breve histórico sobre o projeto e como ele foi implementado e descrição sumária das experiências e dos trabalhos relacionados ao projeto, destacando o trabalho por projetos de trabalho e a implementação da sala ambiente no ensino de Educação Artística.

Palavras-chave: Sala Ambiente; Educação Artística; Trabalho por projetos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA PÚBLICA	04
3. O PROJETO FAPESP NA ESCOLA ESTADUAL BARÃO GERALDO DE REZENDE	11
3.1 O subprojeto “Arte no cotidiano e na escola”	12
4. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: SALA AMBIENTE E TRABALHO POR PROJETOS COMO POSSIBILIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR	14
4.1.Importância das salas-ambiente	17
4.2. A sala ambiente de Artes	20
4.3. A música na sala ambiente	22
5. TRABALHO POR PROJETOS DE TRABALHO	24
5.1. Exemplos de trabalhos que surgiram	26
5.2. Arte com materiais alternativos	29
5.3. Formação Cultural e Étnica	31
5.4. Mural pra Ética e Cidadania	35
6. AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM AS SALAS AMBIENTE	38
7. CONCLUSÃO	40

1. INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp (FE), relato minha experiência como professora pesquisadora participante do projeto “Pesquisa em parceria: E.E. Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas”, desenvolvido de 1996 a 2000 na escola EE Barão Geraldo de Rezende, localizada no Distrito de Barão Geraldo no município de Campinas¹. Aqui apresento e analiso esta experiência bem como as mudanças ocorridas na escola alguns anos após o término do projeto.

A referida pesquisa trouxe para a escola diversas mudanças, de caráter conceitual e metodológico, e até mesmo mudanças no espaço físico da escola, com a criação das chamadas salas-ambiente. Durante quatro anos vários professores da escola envolvidos neste projeto desenvolveram projetos de trabalho orientados por redes de interesses e numa perspectiva de ensino interdisciplinar.

Infelizmente, apesar do sucesso e dos investimentos aplicados ao projeto pela FAPESP, durante a vigência deste projeto de pesquisa, no ano de 2004, durante o período de férias escolares, por ordem da nova gestão da escola, as salas-ambiente foram desmontadas e a escola voltou a funcionar no padrão tradicional, com os professores indo de sala em sala para ministrarem suas aulas.

Nesse trabalho pretendo descrever como foi esse processo de implantação de salas ambiente na EE Barão Geraldo de Rezende, analisar a importância das mesmas para o ensino de Educação Artística.

Iniciei minha vida como professora na cidade de Campinas em 2000, após concluir o curso de Artes Plásticas na Universidade de Campinas. Ingressei posteriormente no curso de Pedagogia da mesma Universidade porque achei necessário aprimorar meus conhecimentos sobre a arte de educar.

Em 1994 trabalhei com arte-terapia no Hospital das Clínicas da Unicamp, depois participei de um projeto do Depto.de Recursos Humanos da Unicamp como professora de

¹ O projeto foi financiado pela FAPESP através do Programa Especial Ensino Público.

arte junto a grupo de funcionários. Atualmente leciono Educação Artística na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende, em Campinas, como professora efetiva do Estado, e em uma escola particular do mesmo município.

Minha formação foi sempre realizada em escolas públicas. O primeiro grau cursei em uma escola pertencente ao grupo SESI. Era uma escola regida pelas regras da ditadura e pelos princípios militares, um grupo escolar típico do modelo idealizado por Francisco de Campos.

O currículo era voltado à formação de futuros operários, sendo que a Matemática, Português e Ciências eram as disciplinas mais prestigiadas da escola. Além delas, fazíamos aula de Educação Física, na qual treinávamos marcha, cumpríamos testes mínimos para aprovação que verificavam resistência, força e agilidade e jogávamos a “queimada” como prêmio de bom comportamento. Nas aulas de artes aprendíamos maçantes teorias de geometria pura que a professora simplesmente copiava do livro sem maiores explicações; tínhamos ainda, uma disciplina denominada “Área Econômica”, na qual aprendíamos a executar trabalhos de artesanato e serigrafia que eram vendidos numa feira organizada pela escola; nela demonstrávamos aos pais que já tínhamos meios de ganhar algum dinheiro.

Nesse mesmo período, minha irmã fazia um curso extra-escolar num atelier artístico para aprender pintura. Na educação feminina conservadora, e em alguns lugares ainda se mantém a importância de aprendermos “prezadas domésticas”, e uma delas é saber executar trabalhos manuais para enfeitar o ambiente doméstico. Com o tempo, minha irmã que odiava o curso de pintura passou a vaga para mim e assim, aos 13 anos, ingressei no referido atelier.

Neste mesmo curso de artes, ainda na condição de aluna, passei a trabalhar como ajudante da professora artista; fui me apaixonando por aquele trabalho porque no atelier podíamos aprender várias coisas sobre arte e conhecer vários artistas. Lembro-me de uma gaveta cheia de livros e gravuras de arte que eu não cansava de olhar, e fui deixando-me levar por essa paixão.

Aos 15 anos ingressei no curso de Processamento de Dados. Na ocasião minha família entusiasmou-se, acreditando que eu seguiria uma profissão honrosa como Engenharia ou Ciências da Computação. Entretanto minha inclinação pela arte era inevitável e optei por ingressar no curso de Artes Plásticas da Unicamp em 1993.

Na ocasião eu estava bastante entusiasmada com a idéia de que a arte poderia ajudar a transformar a sociedade. Concordava com Rosa Iavelberg (2003, p.23), para quem

A arte, por si só, não opera transformações na educação, mas a experiência com os processos de criação pode reorientar o sentido de ensinar, o papel do professor, a imagem da escola, bem como o valor das práticas culturais nas comunidades e na vida pessoal e profissional dos professores e nas relações entre as escolas e as instituições que promovem ações sociais.

A arte, dentro do universo escolar, nem sempre é valorizada e por isso a importância da constante formação profissional do professor para que recupere ou inicie reflexões que não permitam a sua alienação como profissional e estreitem sua relação com o espaço da escola.

Durante o ano de 2000 tive oportunidade de entrar em contato com o projeto de parceria Universidade e Escola pública quando iniciei minha carreira como professora efetiva do Estado de São Paulo. Essa experiência se configura como significativa em minha formação como professora de Educação Artística, porque me propiciou a realização de atividades que despertaram o refletir e o agir dentro da escola de uma maneira mais dinâmica.

2. PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA PÚBLICA

Em 1996 foi implementado na escola EE Barão Geraldo de Rezende, o projeto “Pesquisa em parceria: E.E. Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas” financiado pela FAPESP através de um programa intitulado Programa Especial Ensino Público. Esse projeto tinha como característica reunir professores da Faculdade de Educação da Unicamp e professores da EE Barão Geraldo de Rezende² para juntos elaborarem um conjunto de ações que integrassem o ensino e a pesquisa na escola.

Conforme decreve Célia Maria de Castro Almeida (Almeida, 2000, p.44), A elaboração do projeto foi uma ação conjunta entre professores da universidade e da escola a partir de meados de 1995 quando um grupo de professores do Departamento de Metodologia de Ensino, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, passou a reunir-se periodicamente com os professores da escola. Havia dois tipos de reuniões: as de caráter geral do projeto, do qual faziam parte todos os professores; e as de caráter mais específico com os professores de uma mesma disciplina. Já no ano de 1996, incorporou-se ao processo de elaboração do projeto, alunos provenientes dos cursos de graduação e pós-graduação da universidade que estagiavam nas salas de aula da escola.

Com os estagiários de diversas licenciaturas houve um trabalho mais efetivo da equipe da Universidade que faziam o acompanhamento e desenvolvimento das atividades de estágio na escola. E ao final de outubro de 1996 foi aprovado pela FAPESP o projeto final.

Participavam do projeto inicialmente 11 professores e a diretora da EE Barão Geraldo de Rezende. Esse número reduzido diante do total de professores da escola, que eram de aproximadamente 45, pode se justificar pelo fato da escola ter sido fonte de levantamentos de dados, experimentos, fontes de pesquisas individuais etc, sem a relação de parceria entre os lados e que acarretou em uma unilateralidade de interesses prejudicial à imagem da universidade dentro da escola pública. Dessa forma, muitos professores resolveram não aderir ao novo movimento de integrar universidade e escola para

² A escola, de ensino fundamental (5ª a 8ª séries) e Ensino Médio (1ª à 3ª séries) situa-se em no bairro de Barão Geraldo na cidade de Campinas, nas redondezas da Universidade, e conta com aproximadamente 1300 alunos distribuídos nos períodos da manhã, tarde e noite. A caracterização da escola será dada no capítulo 5.

construção de um projeto comum e negaram-se a participar por não acreditar em uma parceria efetiva. Outros ainda não participaram por impedimentos outros como: número excessivo de aulas, contratos temporários e aulas em outras escolas. Eu, particularmente, só ingressei no projeto no ano de 2000 quando assumi o cargo de professora efetiva de Educação Artística da Escola.

Em dezembro de 1999 o projeto contava com a participação de 16 bolsistas: 10 professores, a diretora, 03 alunos de pós-graduação e 02 de graduação, que atuavam como auxiliares de pesquisa. Existiam ainda outra categoria de participantes, a dos não bolsistas. Nesta categoria faziam parte alunos do Programa de Mestrado e Doutorado da FE/UNICAMP e estudantes dos cursos de licenciatura (Educação Artística, Enfermagem, Física, História, Letras, Biologia e Química) que ao cursarem disciplinas de “Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado I e II”, integravam o projeto como estagiários. O número de estagiários variava ano a ano ao longo do projeto, mas representava um número significativo de aproximadamente 60 a cada semestre letivo.

O projeto constituía-se de um conjunto de subprojetos, reunidos por afinidades em seus pressupostos teóricos e metodológicos no que diz respeito ao ensino, pesquisa e formação de professores pelos seguintes objetivos: investigação do ambiente escolar, especialmente a prática pedagógica dos professores, reconhecendo problemas e necessidades escolares; o planejamento, implementação e avaliação de ações que contribuíssem para a solução das necessidades e dificuldades detectadas; colaboração para a construção pessoal e coletiva de conhecimento sobre o saber escolar e o fazer pedagógico; apoio ao trabalho pedagógico com a implementação de laboratórios, salas-ambiente, equipamentos e materiais didáticos.

Os chamados subprojetos, trabalhavam com diferentes disciplinas do currículo da escola, nos níveis fundamental (5ª a 8ª séries) e médio (1ª à 3ª séries). Em 2000 ano em que se finalizou o trabalho parceiro entre Universidade e Escola, havia na escola os subprojetos³ que tiveram sucesso durante o trabalho em conjunto com a FAPESP.

³ *Arte e cotidiano na escola*, coordenado pela profª. Drª. Célia Maria de Castro Almeida; *Estudos dos fenômenos como diretriz metodológica para o ensino de física no nível médio da escolarização*, coordenado pelo Prof. Dr. Décio Pacheco; *Identidades culturais e memórias locais*, coordenado pela Profª. Drª. Maria Carolina Boverio Galzerani; *Na sala de aula, entre leitores*, coordenado pelas Profas. Dras. Lillian Lopes Martin da Silva, Norma Sandra de Almeida Ferreira e Rosália de Ângelo Scorsi e *Condições de vida e cidadania*, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Carlos R. Amorim e Profª. Drª. Maria Helena Salgado Bagnato.

Para todos os subprojetos existia uma dinâmica comum que incluía encontros semanais dos participantes de cada grupo para leitura, estudo, planejamento e avaliação do andamento da pesquisa e atividades de ensino, e reuniões mensais para discussões acerca do andamento do projeto global, ou ainda acompanhamento de atividades específicas como conferências, seminários etc.

Foi a partir do projeto de parceria com a Universidade que se pretendeu dar algumas respostas à questão da sala ambiente, remodelando a sala de aula e transformando-na em uma sala ambiente, para que o bem estar e conseqüente melhoria das condições de trabalho para alunos e professores fossem prioridade.

Neste novo espaço criado com muitos outros materiais e instrumentos, que já existiam na escola, mas em ambiente à parte, fora do convívio diário do aluno, nasce um novo professor que não se dirigirá mais às diversas salas da escola, mas fixará em uma apenas, com uma série de materiais à sua disposição. Ele agora, passa a receber seus alunos, num ambiente seu, idealizado e composto por ele, ou com seus pares. Desta forma, esse professor será um elemento que irá compor esta sala ambiente, capaz de circular por ela e fazer todos esses recursos que a sala dispõe para movimentar a sua aula, para que o aluno interaja com todos os recursos culturais presentes neste ambiente. Este professor passará a compartilhar o ensino com os recursos presentes no ambiente, que estarão acessíveis aos alunos independentemente, muitas vezes, da interferência dele apenas. Este professor também passará a compartilhar com os próprios alunos o seu papel de ensinar, na medida que a interação é mais aberta ao convívio entre os próprios alunos. Esse ambiente propiciará um novo tipo de aula em que serão dadas ao aluno mais independência e autonomia nas formas de aprendizagem, tirando do professor o único mediador no processo de ensino-aprendizagem, trazendo a idéia de que o conhecimento não é mais transmitido, mas é construído pelo aluno no seu contato com o mundo e com a sala e com a exploração de seus mais diversos recursos disponíveis.

Esse novo professor e esse novo aluno são frutos de uma nova concepção de ensino que começa a se distanciar da concepção tradicional, em que o aluno toma sempre uma posição passiva, diante de um professor que sabe tudo, que está presente para “enchê-lo” de informações, que o aluno deverá reter para devolver no dia da prova.

Se o professor não é o único que sabe, se o aluno não é passivo e interage com todos ao seu redor, professores e colegas, bem como o ambiente, traz para a sala de aula múltiplas possibilidades de interação humana, tecnológica e cultural. O professor e o ambiente são mediadores no processo de descoberta das informações guardadas pela humanidade, bem como do nosso universo cultural. Nesse processo, aprendem tanto professores, como alunos; as fontes e formas de informações são múltiplas, o aluno poderá seguir o seu ritmo e criar sua independência no processo de aprendizagem; as interações são variadas, o aluno aprende também na conversa mais ou menos informal com o colega durante uma aula mais descontraída, num trabalho em grupo, em que o professor perde sua posição de único interlocutor do aluno.

Em 1997 a Secretaria da Educação de São Paulo e a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas publicou em um artigo: *Sala ambiente: o ensino de cara nova* (São Paulo: CENP, 1997), algumas normas e indicações sobre as responsabilidades de cada profissional na escola em relação à manutenção das salas-ambiente:

Segundo o documento elaborado pela CENP, a estruturação das salas ambiente prevê algumas responsabilidades e funções assim distribuídas:

O Diretor e o Coordenador ficam responsáveis por:

Providenciar um painel de chaves, com uma cópia de cada chave de porta, seguindo a numeração adotada. Os professores usarão estas chaves para abrir e fechar suas salas (inclusive nos intervalos – recreio). No final do período, os professores devolvem suas chaves para a posição correta no painel;

- Afixar o horário com o número das salas em vários locais estratégicos da escola, facilitando a consulta pelo aluno e evitando que eles fiquem perdidos pelos pátios ou corredores da escola em cada troca de sala dele (aluno);

- Procurar transferir (ou comprar, quando necessário) o material pedagógico disponível de cada disciplina para dentro das salas ambientes correspondentes. Isso inclui, entre outras coisas: mapas, livros, dicionários, livros do PNLD, armários, estantes, murais, kits de experimentos, etc. Essa tarefa pode ser combinada entre os colegas de cada disciplina e a coordenação. Lembrar que a sala não é propriedade de um determinado professor apenas;

- Orientar claramente alunos, professores e inspetores sobre seus papéis – e cobrar responsabilidades quando necessário;

Professores

- Devolver a chave de sua sala no fim de seu período, colocando-a de volta no painel;
- Zelar pela limpeza e pelo patrimônio de sua sala. O professor deve combinar com os colegas e com a direção quais as regras que todos devem seguir para evitar que o professor do período seguinte ao seu pegue uma sala suja e desarrumada;

Esta é uma das tarefas cruciais. Sem este acerto, o sistema não vai funcionar. Por outro lado, aqui reside uma das virtudes do novo sistema. No outro sistema, os professores se acostumaram a não ligar para o que acontece com cada sala, já que havia a troca constante entre os professores. Ninguém assumia a responsabilidade por danos ao patrimônio ou problemas de indisciplina. Agora, cada um terá que assumir um papel ativo nisso;

- Abrir e fechar sua sala nos momentos combinados. Exemplo: nos intervalos (recreio) a sala também não deve ficar aberta;

Inspetores/Agentes escolares

- Controlar (abrir, fechar, orientar) os acessos entre os sinais e durante os demais períodos. A escola deve deixar cópias das chaves de cada sala disponíveis para os inspetores usarem quando for preciso;
- Zelar pelos corredores, pátios e áreas comuns da escola;
- Fechar e/ou controlar o acesso (portas) após o segundo sinal de troca de salas;
- Em aulas vagas (falta de professor), os alunos não devem ficar sozinhos numa sala equipada. Caberá ao inspetor orientar para que eles permaneçam no pátio da escola, numa sala de estudos, grêmio ou biblioteca. A integridade do espaço físico e dos materiais está em jogo. Aqui não vale a regra comum usada no outro sistema, de salas fixas. A sala é uma sala de aula, não uma sala de espera;

Toda a mudança pedagógica e estrutural pede planejamento, empenho e dedicação.⁴

No caso estudado, da EE Barão Geraldo de Rezende, durante o funcionamento da salas-ambiente, durante o planejamento e replanejamento, ou ainda, em reuniões pedagógicas, não foram realizadas discussões com a intenção de assegurar o bom funcionamento das salas durante o esquema adotado pelo projeto e pela escola. Isso acabou por dar seqüência à uma série de complicações na convivência escolar, as salas passaram a contar apenas com aqueles professores que estavam dispostos a ser responsáveis inclusive pela sua limpeza, os alunos praticaram atos de vandalismo contra as salas por contarem

com a impunidade e anonimato, não existiu nenhuma forma de controle e zelo por parte da direção e administração escolar quanto aos materiais presentes nas salas- ambientes, a falta de organização administrativa não foi suprida pelos poucos inspetores e provocando indisciplina na troca de horários e tudo isso acabou na extinção das salas-ambiente na escola durante o período de férias escolares. E no início de 2004 a escola voltou a ter suas salas de aulas com carteiras e cadeiras enfileiradas com os alunos alocados em um único espaço e sem as vantagens já citadas da estrutura de uma sala ambiente conforme descrito anteriormente.

Escolhemos uma ou outra configuração para o ambiente quando temos um ou outro objetivo à alcançar. Numa sala de aula, o princípio é o mesmo: o professor, controla meios, processos e didática; se é um debate ou discussão é fundamental que se organize a classe com alunos de modo a dispor os alunos uns em frente aos outros (Ex:carteiras em círculo). Num outro momento, se o professor tem uma atividade onde as tarefas propostas e as conversas em grupos vão enriquecer o processo para um tal objetivo almejado ser alcançado, então coloca-se as carteiras em grupos de alunos. Mas se naquele outro dia, o professor quer apenas introduzir um conceito pontual novo, expuser uma idéia curta ou fechar uma discussão ou atividade anterior, pode-se mudar o sistema de fileiras de colunas ou linhas de carteiras.

O trabalho dentro do sub-projeto idealizado e coordenado pela Prof .Dra. Célia Maria de Castro Almeida, foi de extrema importância para minha vida profissional, e com certeza para os alunos que participaram como protagonistas das ações praticadas dentro da sala de aula.

Os pesquisadores da universidade trouxeram para a escola apoio nos planejamentos e nas avaliações das atividades desenvolvidas na escola, fornecendo bibliografias, ajudando nas pesquisas, seleção e organização do material didático.A Parceria E.E. Barão Geraldo de Rezende e a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas trouxe para o âmbito escolar a possibilidade de nós, professores, termos meios de dar continuidade à nossa formação acadêmica e à nossa formação como profissional, dentro da sala de aula, contrariando o que geralmente acontece com o professor que é sair de uma sala de aula, como aluno, e entrar para outra sala como professor. Raramente ele passa por esse processo

⁴ Síntese elaborada a partir de documento da CENP.

sem sentir uma mudança brusca na sua vida, principalmente porque as práticas de sala de aula são, por vezes, muito diferentes da teoria que se aprende na formação pedagógica das diversas áreas de conhecimento.

O projeto promoveu além das possibilidades de implementação de salas ambiente na escola, atividades diferenciadas, baseadas no trabalho em rede ou em teia: ao invés de organizar o conteúdo em itens isolados uns dos outros, buscamos as relações que estabelecem uma teia de significações: um tema ou conceito puxa o outro.

Durante o ano de 2000 quando participei das reuniões com os demais membros participantes das área de artes para elaboração das ações e objetivos a serem enfrentados na prática do ensino de artes na Escola Pública recebi por parte da Universidade indicações de livros relacionados, o incentivo para a produção da escrita e da reflexão para que nós obtivéssemos uma maior experiência visual através de visitas à exposições e a outros eventos culturais, e a possibilidade de participar de cursos relacionados com os assuntos que tratávamos em sala de aula, foram aspectos geradores de um grande ânimo para a continuidade do trabalho na escola, ambiente, que quase sempre, não é receptivo às artes como disciplina geradora de conhecimentos relevantes.

Pesquisamos, selecionamos e organizamos recursos didáticos; fizemos avaliações constantes das atividades desenvolvidas na escola; lemos e discutimos uma bibliografia que fundamentou as nossas ações em sala de aula. Também pesquisamos o material iconográfico em livros de arte, revistas e jornais disponíveis nas bancas e que seriam utilizados nas aulas de Educação Artística. Estas pesquisas foram feitas no LABORARTE - Laboratório de estudos sobre Ensino das Artes, na Faculdade de Educação/UNICAMP, que possuía também uma hemeroteca e um banco de imagens iconográficas.

Participei também de reuniões gerais (mensais), que congregaram todos os participantes do Projeto FAPESP. Os tópicos principais tratados nas reuniões eram as relações entre a Universidade/Escola, ensino e pesquisa e nossas práticas pedagógicas cotidianas.

Foi importante também a participação que tivemos nos eventos da cidade e do Estado como Cursos e Seminários, que serviram como fonte de reflexão e aprofundamento das questões que haviam aparecendo na nossa prática.

3. O PROJETO FAPESP NA ESCOLA ESTADUAL BARÃO GERALDO DE REZENDE

Teve início em 1996 na escola EE Barão Geraldo de Rezende, o projeto “Pesquisa em parceria: E.E. Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas”, financiado pela FAPESP através do seu Programa Especial Ensino Público. A principal característica deste projeto de pesquisa foi reunir os professores da Faculdade de Educação da Unicamp e os professores da EE Barão Geraldo de Rezende para juntos elaborarem um conjunto de ações que integrassem o ensino e a pesquisa na escola.

A concretização deste projeto resultou de uma ação conjunta entre professores da universidade e da escola iniciada em meados de 1995, quando um grupo de professores do Departamento de Metodologia de Ensino, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, passou a reunir-se periodicamente com os professores da EE Barão Geraldo de Rezende, uma escola de ensino fundamental (5ª a 8ª séries) e ensino médio (1ª à 3ª séries), com aproximadamente 1300 alunos distribuídos nos períodos da manhã, tarde e noite, situada nas redondezas da Universidade, no Distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP).

Participavam do projeto inicialmente 11 professores e a diretora da EE Barão Geraldo de Rezende. Esse número reduzido diante do total de professores da escola, que na época eram 45, relaciona-se ao fato da escola ter sido anteriormente objeto de levantamentos de dados, experimentos, fontes de pesquisas individuais etc., sem a relação de parceria entre os lados – pesquisadores e pesquisados - o que acarretou uma unilateralidade de interesses prejudicial à imagem da universidade dentro da escola pública. Dessa forma, muitos professores da escola resolveram não aderir ao novo movimento de integrar universidade e escola para construção de um projeto comum e negaram-se a participar deste projeto, por não acreditarem em uma parceria efetiva. Outros não participaram por impedimentos diversos como: número excessivo de aulas, contratos temporários e aulas em outras escolas.

Em dezembro de 1999, quando o projeto foi encerrado, ele contava com a participação de 16 participantes bolsistas⁵: 10 professores, a diretora da escola, 03 alunos de pós-graduação e 02 de graduação, que atuavam como auxiliares de pesquisa.

⁵ A FAPESP financiou bolsas para os professores e alunos de graduação e pós-graduação que integraram a equipe de pesquisadores deste projeto.

Durante todo o período de seu desenvolvimento o projeto contou com outra categoria de participantes, a dos não bolsistas. Nesta categoria faziam parte alunos do Programa de Mestrado e Doutorado da FE/UNICAMP e estudantes dos cursos de licenciatura (Educação Artística, Enfermagem, Física, História, Letras, Biologia e Química) que ao cursarem disciplinas de “Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado I e II”, integravam o projeto como estagiários. O número de estagiários variava ano a ano ao longo do projeto, mas representava um número significativo de aproximadamente 60 alunos de graduação que participavam do projeto a cada semestre letivo.

O projeto “Pesquisa em parceria: E.E. Barão Geraldo de Rezende e Universidade Estadual de Campinas” constituía-se de um conjunto de subprojetos, reunidos por afinidades em seus pressupostos teóricos e metodológicos no que diz respeito ao ensino, pesquisa e formação de professores e buscando atingir os mesmos objetivos⁶.

3.1 O subprojeto “Arte no cotidiano e na escola”

Minha participação no subprojeto *Arte e cotidiano na escola*, idealizado e coordenado pela Prof Dra. Célia Maria de Castro Almeida, foi de extrema importância para minha vida profissional, e com certeza para os alunos que participaram como protagonistas das ações praticadas dentro da sala de aula.

Em 2000 comecei a trabalhar na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende como professora de Educação Artística do ensino Fundamental e ingressei no projeto FAPESP dentro do subprojeto “*Arte e cotidiano na escola*”.

O objetivo do subprojeto “*Arte e cotidiano na escola*” foi promover o desenvolvimento profissional (conforme Nóvoa, 1995) das professoras de Educação

⁶ investigar o ambiente escolar, especialmente a prática pedagógica dos professores, reconhecendo problemas e necessidades escolares; planejar, implementar e avaliar ações que contribuíssem para a solução das necessidades e dificuldades detectadas;

Artística envolvidas neste subprojeto e produzir de conhecimento sobre a escola e a prática de artes⁷.

Durante a vigência deste subprojeto foram implementadas mudanças nos parâmetros epistemológicos e metodológicos que regiam o ensino escolar das artes, através de um novo paradigma, segundo o qual a educação artística deve desdobrar-se em três campos: o fazer artístico, a apreciação da produção artística e a construção de conhecimento específico da área de artes⁸.

O subprojeto privilegiava o conhecimento interdisciplinar e a pluralidade cultural e era baseado nos seguintes pressupostos:

- a) as culturas não são apenas produtos do social, mas instituintes da esfera social; as sensibilidades artísticas são historicamente constituídas e próprias a cada grupo cultural (Mason, 1988; McLaren, 1997);
- b) o conhecimento é uma construção histórica e social (Vygotsky, 1999 e 1987);
- c) o ensino de arte deve incluir a discussão de temas atuais e estar relacionados às experiências dos alunos (Forquin, 1993).

O subprojeto foi desenvolvido em dois eixos. Um foi centrado na sala de aula, no processo ensino-aprendizagem em arte e nos atores deste processo: professoras e alunos. Outro buscou ultrapassar os limites da disciplina Educação Artística, em busca dos mecanismos que permitam a aproximação entre a escola e diferentes manifestações culturais artísticas vigentes no cotidiano.

Uma das características do trabalho desenvolvido nesse subprojeto foi abordar os conteúdos por temas, quebrando uma organização linear, seqüencial e compartimentada, que buscava aproximar o que está separado pelo tempo, espaço e expressão plural das culturas.

Os temas trabalhados eram escolhidos em função do interesse dos alunos, e constituíam um ponto de partida para uma trajetória que passava por diversos assuntos, num entrelaçamento imprevisível inicialmente já que no processo é que se construiria a

⁷ O termo artes é empregado no seu sentido mais amplo, ou seja, como indicador de diversas manifestações culturais, inclusive os artefatos do cotidiano, desde que feitos com intenção estética que os distingue como produtos de um "fazer especial", conforme Ellen Dissanayake (1991).

lógica das relações entre os vários temas abordados. O tempo e o percurso do trabalho dependiam da qualidade e quantidade de material recolhido nas pesquisas sobre o tema, dos equipamentos e materiais disponibilizados para a realização das atividades, os procedimentos artísticos e de pesquisa ao alcance dos alunos e o grau de interesse que despertava o tema. Como um tema gera outro, na prática ele nunca se esgota, pois, ao longo do processo, vários temas vão se entrelaçando numa teia que se expande em todas as direções, num movimento infinito, relacionando as artes com as outras áreas de conhecimento, inclusive com os saberes não escolarizados facilitando uma apropriação crítica e construtiva do conhecimento e conferindo sentido pleno à experiência⁹ vivida pelo aluno.

No subprojeto, *Arte no cotidiano e na Escola*, como o trabalho era centrado em eixos temáticos tinha-se:

- 1) A idéia de trabalhar em rede: ao invés de organizar o conteúdo em itens isolados uns dos outros, buscando as relações que estabelecem uma teia de significações. Buscando, ainda, fazer aproximações entre o que está separado no tempo, no espaço e nas camadas da cultura.
- 2) Tentativa de aproximar escola e comunidade.
- 3) Aproximação dos alunos com a arte erudita, popular e da mídia.
- 4) Discussão de temáticas como ética e cidadania dentro da sala de artes e fora dela.
- 5) Aproximação dos alunos com os produtores de arte, especialmente da comunidade.

4. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: SALA AMBIENTE E TRABALHO POR PROJETOS COMO POSSIBILIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR

⁸ Cf. a proposta que se tornou conhecida no Brasil como “metodologia triangular”, adaptado da proposta norte-americana “DBAE”, por Ana Mae Barbosa (1991).

⁹ O termo experiência é empregado conforme Benjamin, ou seja, como experiência vivida e construída coletivamente, como prática resignificada (1986).



Artista Plástico da comunidade de Barão Geraldo, em Workshop de Caricatura na Sala ambiente de Artes.



Alunos trabalhando argila na Sala ambiente de Artes

Quando no ano de 2000 cheguei como professora efetiva do Estado de São Paulo na escola estadual Barão Geraldo de Rezende as primeiras impressões não foram as melhores. Para chegar até a escola entra-se por um pátio com acesso ao estacionamento e a porta principal que está sempre fechada, chega-se a uma entrada com a diretoria de um lado e a secretaria de outro, existe também ao lado da secretaria a “sala secreta” que é a sala onde são literalmente guardados os computadores. Ao prosseguir pela escola encontra-se um pátio longo com várias portas de salas de aulas construídas sem um projeto prévio, pois

O prédio foi aproveitado de um antigo almoxarifado da prefeitura que havia funcionado na década de 60, conta-se que, começou a funcionar com cinco salas de aula e foi aumentando conforme foi crescendo a população do bairro. Havia no centro da escola um grande flamboyant que cobria todo o espaço; hoje é possível ver o céu e as pontas de outras árvores que circundam a escola. Esse pátio forma um grande quadrado circundado por nove salas de aula. Desse pátio, ao lado esquerdo da porta de acesso a ele, há uma passagem que dá acesso a um outro pátio, coberto, em cima do qual estão mais quatro salas de aula. Tudo isso forma um segundo bloco (Bianchi,2002, p.5).

A escola fica localizada no Distrito de Barão Geraldo, à noroeste do município de Campinas e ocupa uma área de 67 km². É formado por uma grande área agrícola, localizando-se nela as fazendas de Rio das Pedras e Santa Genebra, que foram responsáveis pelo início do povoamento urbano que se iniciou no final do séc XIX. Com o crescimento urbano, nos últimos anos iniciou-se o processo de desativação dessas duas grandes fazendas, que estão sendo lentamente loteadas, transformando-as em áreas urbanas.

O Distrito tem uma população de cerca de 65 mil habitantes, dos quais 15 mil trabalham nas duas Universidades nele sediadas - Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), criada em 1966 e responsável pela transformação da região antes predominantemente agrícola, e a Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas) - nas escolas, indústrias, hospitais e bancos da região.

O distrito tem 8 escolas públicas e 4 particulares, de ensino médio e fundamental. A Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende é uma delas e atende alunos do ensino fundamental (5^a a 8^a séries) e médio (1^a à 3^a séries).

O distrito é formado por vários bairros, mas a escola localiza-se bem na parte central, próximo à área comercial. É a escola de ensino médio mais antiga do distrito, tendo sido criada em 1962 com uma área de 6.100 m².

Atualmente a escola conta com um total de 450 alunos do Ensino Fundamental e 850 do Ensino Médio, distribuídos em três períodos: matutino, vespertino e noturno. Para isso possui em seu corpo de funcionários, 50 professores, um diretor e um assistente de diretor, 3 serventes, 3 inspetores de alunos, 5 funcionários da secretaria e uma coordenadora pedagógica.

Em 1996 houve um grande remanejamento de alunos no Estado de São Paulo por causa de uma reorganização das escolas da Rede Estadual do Estado de São Paulo, visando separar as crianças menores dos já adolescentes. Os alunos das quatro séries do Ensino Fundamental foram deslocados para outras escolas do distrito e transferiram para o Barão Geraldo de Rezende alunos das quatro últimas séries do mesmo nível que estavam atribuídas em outras unidades. Com tal medida, conforme Bianchi (2000, p.50),

Mais uma vez, uma medida governamental tenta resolver problemas de estrutura e organização da rede pública, que foi crescendo, sem atender à qualidade do ensino, sem cuidar dos prédios escolares, sem investir no pessoal de apoio.

Essa reorganização da escola não só aumentou o número de alunos da escola, como também alterou o perfil de sua clientela, pois começou a receber alunos mais pobres vindos de regiões mais rurais do Distrito.

Na época em que foi estabelecida a parceria entre a Universidade e a escola, a sala ambiente foi um recurso que surgiu como facilitador e enriquecedor do trabalho escolar possibilitando o desenvolvimento de uma nova forma de ensinar e aprender, que caminhava rumo a uma busca do sucesso cultural da escola.

Pensar em uma organização das salas de aula como salas-ambiente, acarretou em uma mudança de concepção do processo de ensino aprendizagem, apoiado em uma outra forma de olhar para a construção do conhecimento humano.

Mas, é claro que reorganizar o espaço escolar e modificar a organização da sala de aula não garante, por si só, mudanças na prática. As mudanças da prática são resultados das reflexões feitas sobre as ações e só são realizadas durante o dia a dia da escola por meio da ação consciente e orientada do professor. Sob esse aspecto é possível a compreensão da

concepção pedagógica no qual se apóia o planejamento dos espaços escolares; a partir dessa compreensão a escola pode organizar melhor seus espaços, seus profissionais, seus alunos, priorizando o processo de ensinar e aprender.

Vygotsky chamou atenção para a importância das interações e das relações sociais para o desenvolvimento da criança e o processo de formação da mente. As afirmações de Vygotsky com relação à natureza social do desenvolvimento psicológico possibilitam recolocar aspectos da educação, o processo de formação mental pode ser encarado de um modo que compromete o educador, pois sua metodologia não abria mão da relação entre teoria e prática e por irem além das simplificações behavioristas -cujo principal papel no processo de maturação cabe ao ambiente e não ao indivíduo- e por complementarem as etapas do desenvolvimento intelectual, meramente genético, sugeridas por Jean Piaget.

Para Vygotsky, a participação da criança e do instrutor no processo de aprendizagem apontava para importância de inserção social do indivíduo, nos momentos adequados, em suas diversas fases de crescimento, mostrando que no desenvolvimento das funções psicológicas superiores a mente depende constitutivamente do contato estreito com uma comunidade para sua efetiva maturação. As formas de interação, a atividade coletiva e o aprendizado social permite que se ultrapasse os limites do desenvolvimento real, em direção a níveis mais elevados de atividade psíquica. O educador pode orientar o aprendizado no sentido de provocar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real. Em outras palavras, sob o ponto de vista da abordagem de Vygotsky, o ambiente possibilita a apropriação e internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que, o aprendizado gere o desenvolvimento.

4.1.Importância das salas-ambiente

A sala-ambiente é um espaço propício para a construção de conhecimento a partir de vivências, de apresentação de problemas materializados através de relatos, dramatização, fotos, filmes etc. Essas salas permitem entre outras coisas: agregar materiais, participação e interação diversificada dos alunos, espaço propício à troca de experiências e condições para

a estimulação da observação e da criatividade. A proposta pedagógica sofre com isso mudanças que se refletem na prática de ensino.

As salas de aula que são transformadas em salas-ambiente podem ser implementadas desde o Ciclo Básico até o Ensino Médio. São salas nas quais os recursos didáticos pedagógicos criam vida. Nelas o professor pode dar mais vazão à sua criatividade, dinamizar seu trabalho e enriquecer as atividades de ensino-aprendizagem.

A estrutura da sala-ambiente deve ser flexível, adequada a situações específicas e diversificadas. Os materiais e recursos didáticos pedagógicos que a compõe são produzidos e/ou trazidos pelos próprios alunos e professores e adquiridos pela escola como livros, equipamentos, instrumentos etc. Quando essa estrutura permite uma flexibilidade, torna-se possível que um mesmo material ou recurso-pedagógico seja utilizado em diferentes componentes curriculares e/ou na integração entre eles. É possível dentro de uma estrutura flexível, organizar a sala de aula em espaços de interesse, modificar a disposição das mesas, cadeiras e carteiras a fim de adequar ao tipo de trabalho e a proposta que se pretende alcançar.

Entretanto, ao adotar salas-ambiente, altera-se fundamentalmente a dinâmica da escola, pois são os alunos que se deslocam de uma sala a outra, e não os professores.

No caso da sala ambiente de Educação Artística, todo o ambiente deve possibilitar “viver arte”, pode se considerar como um local de ensino e aprendizagem de arte. A sala-ambiente de Educação Artística é um espaço onde os alunos, leitores e produtores de arte, coordenados pelo professor, realizam atividades artísticas em grupo ou individualmente.

O artigo escrito por Sonia Teresinha de Souza Penin ¹⁰ traz para a esfera acadêmica a discussão das salas ambiente. A autora defende que não só os professores de Português e de Ciências, como já era costume em algumas escolas há tempo, tenham salas especiais, mas que todas as disciplinas tenham seus espaços próprios e organizados como salas de leitura ou laboratórios, pois para ela, “ planejar um ambiente de conhecimento que convoque as pessoas à aprendizagem e ao prazer na busca de novos saberes é tarefa dos profissionais do ensino”.

Para defender sua posição, a autora usa argumentos de duas ordens, justificando a sala ambiente no plano físico e no plano social. No plano físico, Penin afirma que : “as

salas de leitura e os laboratórios são espaços planejados para estimular a aprendizagem e facilitar o ensino”. Neste ambiente, diz a autora, os materiais que os professores precisam estão à mão e os alunos podem observar e manipular objetos, estimulando-se com essas ações e sentindo o prazer de aprender.

A iniciativa do Governo Estadual de São Paulo de propor a implantação de salas ambiente na rede estadual pode ter nascido das experiências de outros Estados, como as citadas no artigo “Salas-laboratórios, jornal, oficinas, teatro, dança...”, da revista **Nova Escola**. Para iniciar o processo de implantação das salas ambiente no Estado de São Paulo, o Governo Estadual publicou o documento “Sala ambiente: o ensino de cara nova”¹¹, no qual esclarece o que é, como organizar, como equipar e como utilizar as salas ambiente.

Este documento aposta na capacidade criativa do professor que,

Em sua ação mediadora entre o aluno e o conhecimento, encontrará nas possibilidades oferecidas pelas salas ambiente, um elemento facilitador e enriquecedor do trabalho escolar, que levará ao desenvolvimento de uma nova forma de ensinar e aprender (SÃO PAULO . CENP, 1997, p.1).

Para isso sugere ao professor uma mudança de postura, baseada numa nova concepção que se distancie [...]da chamada pedagogia tradicional que defende a transmissão dos conteúdos por parte de um professor que tudo sabe e nada tem a aprender, para um aluno passivo, que nada sabe. (SÃO PAULO . CENP, 1997 p.1,2). Sugere adoção de uma concepção pedagógica baseada na idéia de que cabe ao professor estimular [...]o aluno a pensar ativa, crítica e autonomamente, atuando como mediador entre o aluno e o conhecimento (idem p.2) .

Essas novas concepções são resultantes das mais recentes discussões sobre como se dá o processo ensino-aprendizagem que se apoiam numa [...]forma de olhar para a construção do conhecimento humano, que se impõe no mundo atual, em acelerada transformação (idem).

Enfim, o documento da CENP propõe uma nova concepção baseada na idéia de que, nestes ambientes, aprendem professores e alunos, e que a mudança da prática do professor só será

¹⁰ “Sala ambiente: Invocando, convocando, provocando a aprendizagem”. *Jornal Semestral do GEPCE* (Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência e Ensino)FE/Unicamp, dezembro, 1997.

¹¹ SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: CENP, 1997.

possível através da reflexão que este fizer sobre seu trabalho neste ambiente novo e cheio de possibilidades:

Trata-se, enfim, da criação de ambientes mais favoráveis à construção do conhecimento, orientada por uma proposta pedagógica de interação, que inclui trocas afetivas, formação de hábitos e respeito mútuo. São os professores e os alunos que, decidindo em conjunto, poderão planejar a montagem da sala ambiente e dos ‘cantos’, não só a disposição dos materiais e mobiliário, mas também a prática docente e discente, mudando-a para melhor.(idem p. 3)

Na sala ambiente aprendem tanto professores, como alunos, pois as fontes e formas de informações são múltiplas. Outra vantagem é que o aluno poderá seguir o seu ritmo e criar sua independência no processo de aprendizagem.

Múltiplas são as interações que ocorrem na sala ambiente: o aluno aprende também na conversa mais ou menos informal com o colega durante uma aula mais descontraída, num trabalho em grupo, em que o professor perde sua posição de único interlocutor do aluno.

4.2. A sala ambiente de Artes

Em 2000 como professora efetiva do Estado de São Paulo, ao me apresentar na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende a diretora me acompanhou até a sala de Artes, que ficava localizada na ponta do pátio principal e era a última sala antes da quadra, bem longe da diretoria. Eu já sabia que na escola havia um projeto de pesquisa em andamento desde 1996, financiado pela FAPESP, que focava a melhoria do ensino público e que havia escolhido a Escola Barão Geraldo de Rezende como local para sua implementação.

Entretanto, a sala de artes ainda não havia se tornado verdadeiramente um “ambiente de aprendizagem”. Quando entrei na sala tive uma surpresa um tanto quanto desagradável porque a sala estava danificada e prejudicada pelo vandalismo ocorrido durante as férias. As mesas, que até então eram de madeira, estavam repletas de inscrições e

pichações, costumeiras no ambiente escolar público. Os armários, frutos de doações, apresentavam características diferentes quanto à cor e forma. As cadeiras estavam em péssimo estado de conservação e eram muito inadequadas em relação ao tamanho da mesa.

O projeto FAPESP já havia feito progressos excepcionais em relação à metodologia dos professores de arte que até então ministravam suas aulas na escola e que me antecederam, mas faltava ainda a implementação de uma sala mais de acordo com a qualidade pretendida por ele.

Recém chegada e com todo o ânimo de uma professora nova, resolvi que o restante das minhas férias serviria para melhorar a sala ambiente. Entrei em contato com a outra professora da disciplina de Educação Artística que já era efetiva na escola há três anos. Com sua ajuda e colaboração nos juntamos para a preparação e montagem da sala ambiente ideal para o ensino de artes. Claro, que foram preciso alguns meses para a concretização da sala, mas ela aconteceu. Aproveitávamos as reuniões do projeto para discutirmos as melhores formas e meios de concretizar esse sonho.

Com o auxílio de verbas enviadas pela FAPESP, conseguimos que a sala ambiente fosse remodelada nesse período para que o bem estar e conseqüente melhoria das condições de trabalho para alunos e professores fossem prioridade.

A sala de aula destinada ao ensino artístico era ocupada por carteiras, que preenchiam quase todo o seu espaço, dificultando o trânsito dos alunos e professora. Geralmente, as carteiras ficavam dispostas em colunas, o que dificultava a formação de grupos de estudo entre alunos e as trocas de informações e experiências entre os mesmos.

Fizemos então um estudo e planejamento para um novo arranjo da sala. Foram compradas cinco mesas com superfície de ardósia com dimensões 0,80 x 2,00 m e 45 cadeiras de plástico resistente, que além de mais confortáveis para os alunos, também possibilitavam melhor movimentação e circulação em sala. As mesas foram dispostas de forma a reunir os alunos em cinco grupos. Os alunos passaram a trabalhar sempre em conjunto, compartilhando inclusive os materiais necessários à realização das atividades propostas. Os armários receberam um tratamento pictórico: foi feita uma decoração que provocava a variação cromática na sala, através do preenchimento do espaço com as cores azul, amarelo e vermelho, que sendo primárias, promoviam um colorido maior à sala, de

forma a integrar as cores ao ambiente e ao visual estético do espaço, além de serem adaptados para acondicionar com maior segurança os materiais para uso diário.

A sala ambiente recebeu uma tela fixa para a melhor visualização da projeção de slides e de transparências, um retroprojetor e um projetor de slides, o que possibilitou não só a implementação de um estudo de imagens mais intensivo, como também uma maior comodidade, pois o professor poderia usufruir do material sem perder de 5 a 10 minutos da aula para ir em busca desses equipamentos.

Observamos que as melhorias proporcionadas na sala ambiente fizeram despertar nos alunos um maior respeito, interesse e envolvimento pela sala de Educação Artística e suas atividades.

4.3. A música na sala ambiente

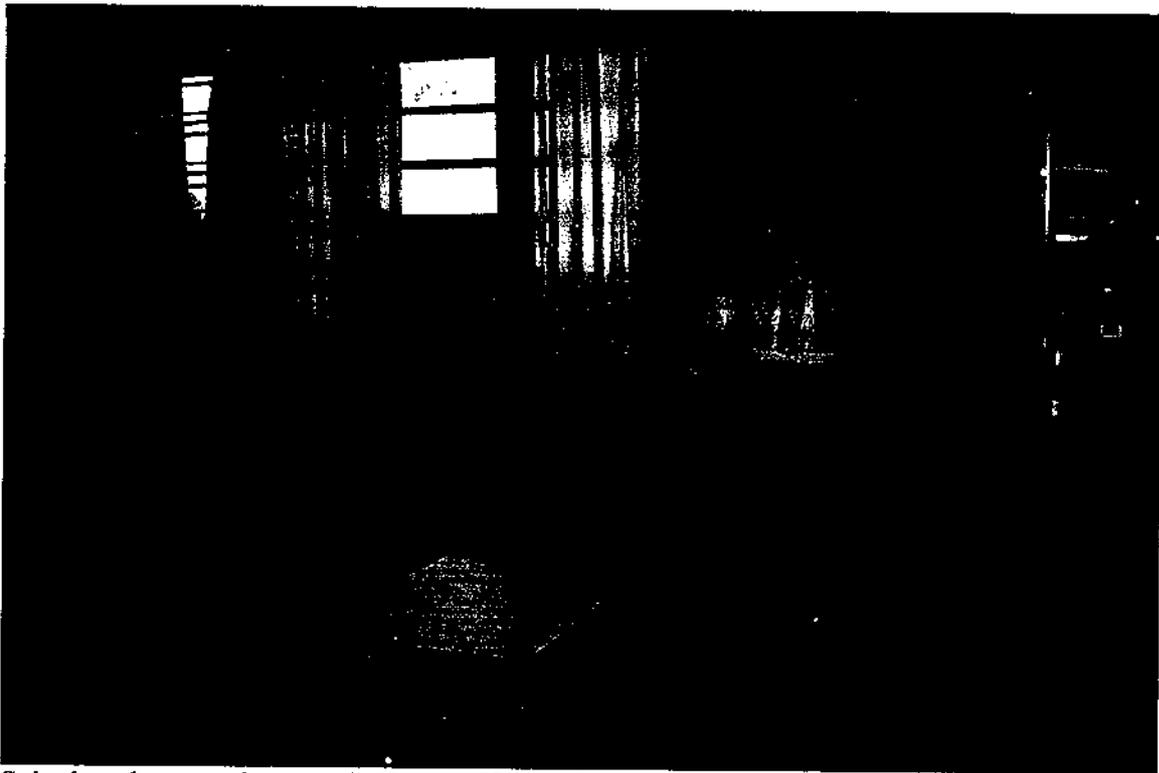
No período em que trabalhei na sala ambiente de Arte pude propiciar aos meus alunos um estudo musical não dirigido, realizado por meio da música ambiente, utilizada como meio de formar um ouvido estético. Ao mesmo tempo em que realizavam atividades práticas como desenho, pintura etc., os alunos ouviam um pouco de cada ritmo musical, entre eles: MPB, rock nacional, axé, música clássica, rap, música folclórica (pifanos), violão instrumental e techno. As diferenças musicais existentes em todos esses tipos citados são muito acentuadas e essa experiência foi muito interessante, porque me permitiu analisar o gosto musical dos alunos, além de estreitar o contato com as turmas. Além disso, ao oferecer à audição dos alunos os mais variados gêneros musicais - do axé à música clássica, busquei amenizar o preconceito dos alunos em relação a determinados gêneros musicais e tornar o cotidiano da sala de aula mais prazeroso para os alunos. Acho que uma boa maneira de se introduzir a música em sala de aula é promover a audição de diferentes estilos, para que os alunos conheçam o que existe em termos musicais e para que não fiquem apenas com a cultura da FM, que transforma em sucessos músicas que muitas vezes estão bem distantes da realidade brasileira.

Um fato interessante que aconteceu um dia, em uma das oitavas séries, foi um comentário de um aluno sobre o rap que estava sendo tocado em sala de aula. Disse ele: “Professora essa música não é para ser tocada na escola”. Fiquei pensando muito nisso: Por

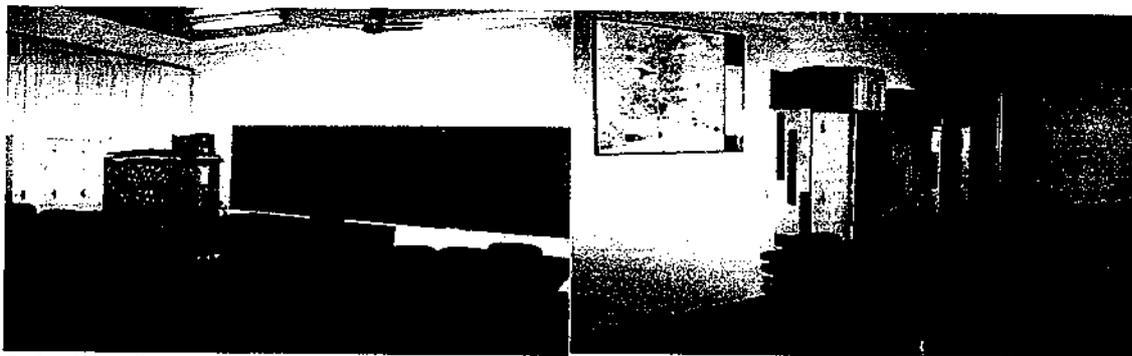
que o rap, um tipo de música que é muito ouvido pelos alunos, não pode ser fonte de pesquisa e estudo em sala de aula? O que permeia a imaginação da comunidade escolar, tanto dos alunos como dos professores, é que o cotidiano escolar deve ser padronizado e que o conhecimento escolar está separado do conhecimento da realidade. Os olhares em relação à escola pública me parecem ser, muitas vezes, preconceituosos e desatentos, porque não percebem que a escola é só mais um instrumento de aprendizagem, e não o único.

As principais características que se pode citar em um trabalho educacional realizado através de projetos de trabalho, podem ser descritas como: o modelo de aprendizagem é um modelo significativo; os temas trabalhados não apresentam restrições abrindo o leque de possibilidades a serem trabalhados; as decisões sobre os temas a serem trabalhados vem através de argumentações e não por votação da maioria, os alunos que escolhem o tema do Projeto e o roteiro do trabalho; o aluno é um co-partícipe; como procedimento é aplicado a relação entre diversas fontes; e a avaliação é centrada nas relações e nos procedimentos.

A função do professor é de intérprete, o professor especifica o fio condutor do projeto e o relaciona com os Parâmetros Curriculares Nacionais; busca materiais que possibilitem atingir os objetivos e conteúdos que se quer alcançar; estuda e prepara o temas selecionando as informações com critérios de novidade e de planejamento de problemas; envolve os alunos reforçando a consciência de aprender; destaca a atualidade do tema para o grupo (sentido funcional do Projeto); Mantém uma atitude de avaliação constante para detectar o que os alunos sabem, que dúvidas surgem, o que acredita que os alunos aprenderam etc; e organiza uma programação para analisar e planejar novas propostas educativas recapitulando o que foi feito.



Sala de aula antes da parceria Escola/ Universidade



Sala de aula depois da implantação da Sala ambiente (Sala de Artes)

5. TRABALHO POR PROJETOS DE TRABALHO

No subprojeto “Arte no cotidiano e na escola” as atividades desenvolviam-se em rede ou em teia, em projetos de trabalho: ao invés de organizar o conteúdo em itens isolados uns dos outros, buscamos as relações que estabelecem uma teia de significações: um tema ou conceito puxa o outro. Segundo (HÉRNANDEZ e VENTURA, 1998, p.70).

As principais características que se pode citar em um trabalho educacional realizado através de projetos de trabalho, podem ser descritas como:

- o modelo de aprendizagem é um modelo significativo;
- os temas trabalhados não apresentam restrições abrindo o leque de possibilidades a serem trabalhados;
- as decisões sobre os temas a serem trabalhados vem através de argumentações e não por votação da maioria, podendo o tema e o roteiro do trabalho ser escolhido pelo professor e/ou pelos alunos;
- o aluno é um co-partícipe de todas as atividades planejadas, desenvolvidas e avaliadas;
- como procedimento é aplicado a relação entre diversas fontes;
- a avaliação é centrada nas relações e nos procedimentos, e não exclusivamente no produto final.

A função do professor é a de mediador do processo de aprendizagem:

- busca materiais que possibilitem atingir os objetivos e conteúdos que se quer alcançar;
- estuda e prepara os temas selecionando as informações com critérios de novidade e de planejamento de problemas;
- envolve os alunos reforçando a consciência de aprender;
- destaca a atualidade do tema para o grupo (sentido funcional do projeto);
- mantém uma atitude de avaliação constante para detectar o que os alunos sabem, que dúvidas surgem, o que acredita que os alunos aprenderam etc;
- organiza uma programação para analisar e planejar novas propostas educativas recapitulando o que foi feito.

Algumas das diferenças entre o trabalho pedagógico tradicional e o desenvolvido por meio de projeto de trabalho serão descritas a seguir.

No modelo mais tradicional o professor pede informações aos alunos, considerando a obrigação que os alunos tem de “fazer deveres”; já no trabalho por projetos o professor pede aos alunos que expressem critérios e informações que tenham recolhido sobre o tema, já que isso enriquece os projetos comuns. No modelo tradicional de ensino muitas vezes o docente avança nas respostas para seguir adiante com o trabalho, pois tem pressa em resolver o que está fazendo; no trabalho por projetos o professor é paciente no momento de ancorar os novos conhecimentos aos antigos, e sabe esperar que os alunos encontrem as soluções lógicas.

Os modelos tradicionais são ajustados a um roteiro disciplinar; já o trabalho por projetos conecta os conteúdos que vão sendo trabalhados com aspectos de outras áreas, com situações da vida real. No modelo tradicional tende-se à acumulação de conteúdos, enquanto que no trabalho por projeto o ensino está centrado na insistência do professor em reestruturar, restabelecer ou modificar esquemas, índices e situações.

Ainda no modelo tradicional, raramente há alusões a episódios vividos pelos alunos, nem referências ao projeto em seu conjunto; também a intervenção dos alunos quase não varia, pois acabam sendo sempre os mesmos a opinar. Já o trabalho por projetos caracteriza-se por trazer à tona episódios da vida cotidiana dos membros da turma ou de seus familiares durante as colocações em comum recolhidas para o projeto, incentivando a participação do maior número possível de alunos durante o processo.

A riqueza do trabalho por projetos está no fato de depender mais da comunicação na sala de aula do que da quantidade de conteúdos, enquanto que no ensino mais tradicional ocorre o recolhimento automático pouco e escassamente comentado de informações retiradas de livros e enciclopédias.

Partindo-se dessas características citadas pode-se dizer que o trabalho pedagógico desenvolvido por projetos possibilita

[...] um alto grau de consciência e de significação nos alunos com respeito à sua própria aprendizagem, ainda que, num determinado período ou série, possam estar desenvolvendo Projetos de uma forma menos intensa (HÉRNANDEZ e VENTURA, 1998, p.72).

Como pode-se perceber, o projeto tem um desenvolvimento muito particular, pois envolve o trabalho com muitos conteúdos e organiza-se em torno de uma produção determinada, caracterizada por ser uma proposta que favorece a aprendizagem significativa, pois a estrutura de funcionamento dos projetos cria motivação nos alunos e oportunidade de trabalho com autonomia.

Os projetos também são muito adequados para que se abordem as formas artísticas que não foram eleitas no currículo daquele ciclo. Na prática, os projetos podem envolver ações entre disciplinas, como por exemplo, entre Língua Portuguesa e Arte, ou entre Matemática e Arte, e assim por diante. O ensino permite que as áreas se incorporem umas às outras e o aluno possa ser o principal agente das relações entre as diversas disciplinas, se os educadores estiverem abertos para as relações que eles fazem por si. Os projetos devem buscar nexos na seleção dos conteúdos por série, enquanto as relações entre os distintos conhecimentos são realizadas pelo aluno. Cabe à escola dar-lhe essa oportunidade de liberdade e de autonomia cognitiva.

Portanto, a importância em se trabalhar por projetos de trabalho reside na transgressão da maneira tradicional de se olhar para o ensino, já que o que se ensina na escola está filtrado e selecionado, muitas vezes longe do que preocupa as disciplinas a que se faz referência, ou a problemas que os distintos saberes se propõem na atualidade. O trabalho por projetos tem a função de apresentar exemplos da cultura que rodeia o grupo, para que através da sua interpretação possa-se aprender com diferentes pontos de vista e favorecer a tomada de consciência dos alunos sobre si mesmos e sobre o mundo.

5.1. Exemplos de trabalhos que surgiram

Houve uma mostra : MOSTRA DA CULTURA INDÍGENA - “Yudjá Kariá- Festa Juruna” no Parque Ecológico Monsenhor Emilio José Salim – Campinas em abril de 2000 que suscitou um trabalho muito importante em classe. Foram levados a essa mostra 87 alunos da 5ª série totalizando 98 % do total de alunos matriculados nessa série. Os alunos ficaram impressionados em ver um índio falando dos costumes de sua tribo e como era o cotidiano no alto xingú. Depois os alunos assistiram um vídeo onde foi exibido a “Festa Juruna” onde algumas tradições eram reveladas. Aprender mais, se tornou a ordem do dia

após essa exposição. Às vezes, nós professores de arte, nos deparamos com idéias pré-concebidas sobre o ensino de Arte na escola, que costuma considerar a Arte Européia ou a arte elitista como sendo o que deveria ser ensinado. Mas, os próprios alunos quando estimulados e consultados sobre o que gostariam de aprender, sempre nos lembram da falta de oportunidade de conhecer a cultura indígena na escola, já que nós os próprios professores não nos atemos muito a esse fato e não conhecemos muito sobre esse assunto. Resolvi então, que era preciso e necessário trabalhar com aspectos da cultura indígena.

Levei para a sala de aula a discussão e o estudo das questões relacionadas à cultura indígena . Organizei uma seqüência de aulas que discutiram aspectos como: o tipo de habitação, que se diferencia em algumas tribos, mas que sempre é engenhosa e coletiva; os costumes de algumas tribos (nesse item os alunos pesquisaram em casa e em livros e trouxeram para a sala de aula). No estudo sobre os costumes indígenas eu pedi para que as crianças verbalizassem na classe o que haviam encontrado. Entre vários itens trazidos para discussão em classe, pelos alunos, como: “eles dormem em redes”, “eles caçam, pescam e plantam seus próprios alimentos”, vieram coisas como “eles andam pelados!”, “ Eu encontrei um livro que dizia que os índios podem ter duas mulheres !”, “Professora os índios matam os brancos!”. Ao questionar os alunos, perguntando-lhes como e onde tinham obtido as informações sobre os índios , pude constatar que, no caso do aluno que afirmou que os índios matam os brancos, ele não havia pesquisado em livros, mas havia perguntado em casa, para os seus pais, que haviam lhe dado aquela informação . Através disso, acabei refletindo intensamente sobre a questão do preconceito que aprendemos a ter, no Brasil, sobre os nossos povos índios. O senso comum do brasileiro é que os índios são povos primitivos e que, mesmo sem “trabalhar” (porque entendem que trabalho é acumular capital), querem ter direito a terras. Não existe uma consciência a respeito da importância de questões ligadas aos direitos dos povos indígenas e da riqueza desses povos. Mesmo entre nós, professores, isso é muito comum.

A partir da análise dos costumes dos índios passamos a estudar as características da arte indígena como, por exemplo: que a arte quase não sofreu muitas transformações durante o tempo e que não é comum a todos os povos indígenas. Mostrei a eles que cada povo desenvolveu sua própria arte, dando exemplos de como a arte indígena segue padrões, estilos e tipos de materiais de acordo com dada região, pré-determinados pelas tradições da

tribo. Após essa primeira introdução, estudamos os materiais utilizados pelos índios. Da mata extraem diferentes materiais de origem vegetal como: madeiras, cortiças, fibras, palmas, palhas, sementes, cocos, resinas etc. De origem animal: couros, ossos, dentes, conchas, garras, plumas de aves etc. E, por fim, vimos alguns tipos de artes indígenas como: a arte lítica (são os objetos feitos para cortes e furos, como machados de pedra, pontas de flechas e arpões); a arte dos trançados e tecidos, que utilizam materiais como folhas, palmas, cipós, talas e fibras para produzir barbantes e cordas, trançar cestos, peneiras, abanos e esteiras, tecer faixas, tipóias e redes; a arte da cerâmica (vasos, urnas funerárias, esculturas funéreas, louçaria e licocós (figuras humanas), utilizados pelas crianças como brinquedos; a arte plumária (cocares, diademas, grinaldas, mantos, coifas etc); máscaras; adornos; pintura corporal e as festas indígenas, como a Kaapor e o Kuarup.

A descrição dessas atividades, ao meu ver, é importante porque faz com que fique registrado o universo de questões abertas em sala de aula para poder quebrar um pouco o preconceito das crianças a respeito dos índios e de suas culturas . Quando iniciamos as conversas sobre as culturas indígenas na sala de aula percebi que os alunos já haviam discutido o tema em outras disciplinas, mas não haviam se deparado com o que, exatamente, isso implicava. As crianças são capazes de considerar os jogos de vídeo-game obras de arte, mas não são capazes de diferenciar a nossa própria cultura . Esse é um dos maiores desafios do professor em sala de aula, trazer para o cotidiano do aluno o interesse pelas coisas que estão ao seu redor e que fazem parte do país em que vivem.

Avaliando o trabalho desenvolvido sobre esta temática posso dizer que o saldo negativo foi o de que nem todos os alunos sentiram interesse pelas questões discutidas, apesar de termos nos aprofundado sobre elas. O saldo positivo foi ter muitos alunos estão, hoje, com uma visão diferente da que tinham antes do estudo sobre os índios; muitos são, hoje, mais críticos e menos preconceituosos.

“Eu penso que o índio deveria ser a pessoa mais importante do Brasil do que o presidente, pois foi eles que estavam aqui quando descobriram (...) Muita gente pensa que o índio não é um ser humano só porque ele vive nas matas em tribos pensa que são bichos, todos nós pensamos errado , eles protegem nossas matas, nossos seres vivos “ (B. 6ªsérie)

“(...) eles fazem festas para todas as ocasiões: casamento, nascimento, morte, colheita, plantio, chuva, sol, etc. Acreditando em deuses como o sol, a lua e o trovão e se pintando com diversas cores nas festas e para conseguir atrair uma índia para se casar!” (M.A. 6ª série).

“(...) Já não há muitos índios pois o que sobrou, foi viver nas cidades grandes, como pessoas normais. As tribos, já não é como antes, eles já não usam a medicina natural, e sim industrializados, suas comidas também foram modificados ... Se continuar assim daqui alguns dias não haverá nenhum índio.” (L. 7ª série).

“Eu acho que o índio antes vivia na maior mordomia, maior tranquilidade. Agora ele não vive porque o homem roubou o lar dele”. (F. 5ª série).

“a história dos índios é contada em dois períodos: um alegre e outro triste. O período alegre aconteceu antes da chegada dos portugueses, onde os índios tinham prazer de viver, pois eles eram mais felizes. O período triste começou depois da chegada da esquadra de Cabral, quando os índios perdiam suas terras e riquezas do território. Outra coisa que aconteceu foi que o número de índios diminuiu. Hoje em dia o povo indígena está em extinção. As pessoas não consideram que antes da chegada dos portugueses foram os índios que descobriram o Brasil.” (J.M. 6ª série).

5.2. Arte com materiais alternativos

Entre as diversas propostas com materiais alternativos, escolhi relatar como um exemplo de proposta uma atividade que fizemos para a quinta série. Foram feitas atividades de desenho, recorte e colagem. Depois a partir do livro “A História das tintas” trabalhei com um resgate histórico cultural das produções artísticas ao longo da história. Fizemos um estudo sobre Arte Rupestre, mostrando as técnicas e as produções artísticas dos primeiros homens, como estas se difundiram durante a história e como ainda são utilizadas por alguns povos, entre eles os indígenas. Os alunos foram ficando mais

interessados depois que entraram em contato com as reproduções que levei em livros e transparências, ocasião em que aproveitei para introduzir a pesquisa com materiais alternativos, que consiste em materiais que pudessem ser produzidos por eles mesmos , como pigmentos, aglutinantes e papéis extraídos da natureza, para a produção de desenhos e pinturas.

Levei para eles um artigo que estava à disposição na internet, e que mostrava uma professora chamada de “feiticeira” pelos seus colegas, porque fabricava com materiais alternativos, todos os tipos de materiais artísticos: tintas à óleo, giz de cera, lápis de cor, pincéis de diversas espessuras. Os materiais empregados na fabricação desse elementos são todos naturais, como seivas de árvores, terra, fuligem de sementes e galhos secos, e até mesmo o próprio cabelo para o pêlo dos pincéis. Os alunos ficaram interessados e começaram a fazer experiências em casa, com vários elementos, até descobrirem os que liberavam pigmentos, ou não. Foram sendo descobertos várias tonalidades existentes de terra, folhas , legumes etc. Descobriu-se também que a terra poderiam ser pigmentada e utilizada, a areia poderia ser extraída colorida da natureza e diversos outros fatores que alimentaram as pesquisas.

Os alunos acabaram trazendo, entre outras coisas: casca de cebola roxa, folhas, beterraba, cenoura, espinafre imersos em álcool; terra, à qual se acrescentou cola e que produzia, ao secar, um efeito texturizado muito bonito e interessante , com seu grânulos salientes; diversas folhas e café que dependendo da quantidade de água forma vários tons de marrom. Aproveitamos a ocasião para experimentar as diferenças ao pintar com tintas mais aguadas e tintas mais espessas e também a necessidade de compartilhar materiais entre eles, já que muitos não tinham todas as cores obtidas.

A proposta para a confecção dos desenhos foi que fizessem um trabalho que se relacionasse às discussões que haviam sido iniciadas, anteriormente, sobre as comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Até então eu tinha conversado com os alunos sobre as características atuais do Brasil. Juntamente com as crianças enumerei o que os alunos consideravam positivo e o que eles consideravam negativo no Brasil. Entre os aspectos positivos, destacaram: diversidade de frutas e flores , a presenças de florestas, o futebol, e coisas como “ter casa pra morar” (esse último item teve a influência de uma discussão ocorrida em outra disciplina, sobre a miséria de alguns países).

Sem querer desanimar os alunos falei que no Brasil também tínhamos esse problema. Já entre os aspectos negativos destacaram-se : o desmatamento, a pobreza, o desemprego, violência, bandidos etc.

Como a proposta era de desenho à partir das discussões sobre o Brasil, eles acabaram enfocando seus desenhos em casas, árvores, flores e futebol, temas que são uma espécie de constante na escola. Mas, surgiram também desenhos que suscitavam questões mais profundas como a valorização do ambiente em que se vive e sua preservação.

Entretanto, é complicado trabalhar com questões reflexivas e conceitos teóricos em sala de aula, porque os alunos, assim como a sociedade como um todo, não estão acostumados a pensar e a refletir, não estão acostumados com esse tipo de postura do professor que instiga e busca aprofundamentos.

5.3. Formação Cultural e Étnica

Gosto de trabalhar com desenho em sala de aula. As frases que costumo escutar tanto na sala de aula como em uma reunião de pessoas em qualquer barzinho que se toque nesse assunto é: “Eu não posso fazer porque não sei desenhar”, “Eu só faço coisa feia, professora”, “desenha pra mim?”. Surpreendi-me com uma frase de uma aluna que disse: “Professora, tenho saudades do tempo que eu estudava em outra escola e tinha desenho pronto e era só pintar”. Acho importante que as aulas de artes não sejam motivo para sofrimento e angústia mais importante ainda que depois de adulto essas frases não permeiem nosso universo da baixa auto-estima. Tenho tentado diminuir isso. Começamos com alguns desenhos que se ligavam a nossas pesquisas, sobre nossa formação cultural e étnica. Os primeiros desenhos foram exercícios de observação de objetos do cotidiano da aula, para que os alunos percebessem que o aprendizado é possível e que não é só quem tem “talento” que pode desenhar. Depois, como ouvi dos alunos que desenhar objetos era possível , o difícil era desenhar pessoas, eu trabalhei um pouco com a questão do retrato. Levei alguns artistas que trabalharam com retrato, como Anita Malfatti , Portinari e outros, para que eles vissem como o retrato podia conter as características do retratado, mas não

tinham que ser necessariamente fiéis à realidade, mesmo porque um desenho, uma pintura e até mesmo uma fotografia não são mais a realidade e devem quebrar as expectativas da arte clássica.

Aos alunos foi proposto fazer retratos em dupla, um retratando o outro, ocasião em que fui mostrando-lhes as diferenças existentes nas proporções, nos volumes, na forma e nas cores de cada rosto. Achei importante trabalhar com retratos antes de iniciar o aprofundamento e estudo das origens e formação do povo brasileiro. O retrato tem, ao meu ver, a possibilidade de acentuar as marcas do que somos ou de como parecemos ser. Ao perceber nossas diferenças corporais, percebemos que os preconceitos são estúpidos, porque ninguém é igual a ninguém e a discriminação é um ato irracional de quem vive imerso na ignorância.

Após o tema do retrato conversei com eles sobre os desenhos de Matisse, que se utilizou não só do lápis para desenhar, mas também tesouras e estiletes. Mostrei alguns de seus trabalhos, chamando atenção para as variadas formas de representar a realidade e as cores. Saindo de Matisse, fomos para a “Semana de 1922”; apresentei-lhes obras de alguns artistas como Anita, Tarsila, Di Cavalcanti e Segall. Pedi para que os alunos que recolhessem materiais sobre a “Semana de 1922” nos jornais e revistas e trouxessem para a aula. Para minha surpresa, muitos alunos pesquisaram sobre o tema, tornando mais fácil minha explicação sobre o que havia ocorrido historicamente nesse período, e o que isso representava para as artes, atualmente. A “Semana de Arte Moderna” é, para mim, um importante exemplo para mostrar que o desenho já há muito tempo não busca a perfeição, a imitação da realidade, mas dominar o pensamento e a transposição desse pensar para o papel. Com esta temática conquistei, alguns alunos que estavam sempre buscando o fundo da classe para poder ler revistas ou conversar sobre assuntos extra classe. Ao falar sobre o quadro “A Negra”, de Tarsila do Amaral, o grupo ficou interessado porque falei sobre a inserção do negro numa arte que antes padronizava a beleza européia branca. De lá para cá, esse grupo se juntou com um grupo de meninas que se sentavam mais à frente, na sala, começou a se interessar pelas aulas e se tornou muito produtivo. O grupo a que me refiro era composto por quatro meninas, uma delas, a mais forte fisicamente, era negra, e se dedicava bastante às minhas aulas, quando abordei a questão dos padrões de beleza, se sentiu defendida por mim e, talvez por isso, tenha mudado sua relação com a aula.

Na sociedade, de um modo geral, e nas salas de aula existem preconceitos, e eles acabam aparecendo claramente durante algumas aulas de forma mais ou menos explícitos. Se um menino chorar, com certeza será designado como homossexual (com termos mais impróprios é claro); se for negro, receberá apelidos pejorativos; se tiver dificuldades para o aprendizado, seus colegas não tardarão em chamá-lo de burro. Fico me perguntando de onde vêm essas atitudes. Talvez de casa, talvez das outras realidades da própria convivência escolar, mas seja de onde for, elas trazem um comportamento prejudicial à sociedade, e como professora me sinto na obrigação de explicitar isso, pelo menos no universo onde trabalho.

Os alunos e o trabalho com os temas provenientes da discussão sobre os indígenas não é fácil de se levar; os preconceitos sobre os povos indígenas são muitos, e posso dizer que é uma luta constante a tentativa de mudar esses pré-conceitos.

Gosto muito do trabalho com o teatro, principalmente, porque foi desde a infância um prazer pessoal, fazer e pensar o teatro. O seu início dentro da escola foi marcado por um certo problema em relação aos ensaios, porque os alunos nunca podem ficar circulando pelos espaços escolares, devem sempre ficar grudados na carteira para não dar trabalho. Entretanto, eu arrisco dizer que o professor que não quer enfrentar essas confusões criadas por esse ambiente repressor que é a escola, está fadado às mazelas das aulas tradicionais e da submissão da disciplina que fica sem se firmar como de igual valor dentro dos saberes da sociedade.

Fizemos como os alunos um trabalho com o teatro de bonecos, essa foi a maneira encontrada para que eu começasse um trabalho de integração dos alunos com o estudo cênico. O que percebi, porém, é que os alunos tinham uma idéia de que fazer teatro era ir para o pátio da escola ou para um palco e ficar falando palavras soltas, ou imitando artistas de novela. O teatro é visto como uma brincadeira, sem maiores preocupações. Na nossa área, artes, é comum ouvirmos as frases “Você faz artes? , Ah! que gostoso e relaxante!” É essa a idéia que permeia o pensamento da sociedade, uma idéia de quem não sabe como é complicado criar e ter sua criação analisada e criticada por todos. Agora que os alunos já começaram a desenvolver seus trabalhos e a criar uma peça, é interessante ouvir frases do tipo: “Ai, não pensei que fosse tão difícil!”, ou “Precisa ter todo esse trabalho para fazer um boneco?”.

Sem dúvida, o fator mais importante que impulsionou a produção, foi a palestra do grupo “Seres de Luz”, formado pelos artistas Lili e Abel, residentes em Barão Geraldo, onde é localizada a escola. Os dois vieram até a escola e trouxeram alguns bonecos. A palestra teve início com o relato da viagem dos artistas, que vieram da Argentina e trouxeram seus bonecos com eles. Depois, falaram sobre a criação de um boneco é uma coisa importante, porque uma vez criado, o boneco passa a existir para sempre e sua personalidade é imutável. De início os alunos não estavam muito atentos, estavam um pouco dispersos, principalmente as três classes de 8º série para quem a palestra se dirigia, porque foram agrupadas no pátio fora da escola e o grande número de alunos reunidos facilitou a dispersão. Nesse dia, alguns alunos estavam trajando roupas de frevos, duendes, margaridas e caveiras, uma brincadeira dos alunos denominada “trote” que os alunos promovem para arrecadar fundos para a festa de formatura. Assim o foco de atenção para alguns, deixou de ser a palestra e começou a ser eles mesmos. Ao perceber isso, os artistas tiraram de duas mochilas enormes, dois bonecos gigantes, de tamanho natural, e começaram a manipulá-los. Foi incrível a reação dos alunos. O movimento dos bonecos paralisou todos e, a partir de então, todos ficaram atentos ao relato dos artistas sobre as diversas técnicas e suas experiências com o teatro de bonecos.

É divertido e muito gratificante levar artistas para dentro da escola. Acho que a presença de artistas no cotidiano escolar é muito importante, porque os alunos passam a perceber que os trabalhos artísticos não são um “hobby” ou apenas um lazer, mas uma forma de trabalho, realmente muito sério que ocorre dentro de um contexto e de uma necessidade de expressão que vai além do divertimento, mas funciona como um meio de desempenhar um papel social.

Alguns alunos se recusaram a fazer a peça, apesar de terem achado interessante; eles diziam ter muita vergonha. O fato é que é bem complicado dar conta de uma classe de 40 alunos onde, ao mesmo tempo em que se deve orientar os alunos que estão preparando as massas para fazer os bonecos deve-se, também propor e orientar um trabalho diverso a ser realizado por aqueles que não estão interessados em fazer teatro.

A solução que encontrei para a “turminha” que não queria fazer nada, foi propor que eles fossem os repórteres da produção, que fizessem uma reportagem sobre o teatro de

bonecos. Os alunos elaboraram um questionário para entrevistar os colegas e reuniram material para uma reportagem sobre o assunto, que foi publicado em um painel da escola .

5.4. Mural pra Ética e Cidadania

Estudamos, o tema da Ética e da Cidadania, a fim de possibilitar a participação ativa da comunidade na escola. Criou-se, primeiramente, o projeto “Mural para a Ética e Cidadania”, que reuniu esforços nossos e da artista plástica Silvia Matos residente em Barão Geraldo e que reuniu os trabalhos de alunos de várias séries do ensino fundamental.

Temas incluídos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Ética e a Cidadania foram escolhidos para objeto de reflexão porque vivemos numa sociedade onde, mais do que nunca, é necessário orientarmo-nos para criar uma cultura de paz e harmonia. É urgente uma educação ética que combata o racismo, o preconceito e a discriminação. Também é necessária a conscientização da importância de se preservar o meio ambiente e seus recursos naturais, pelas quais todos nós, como cidadãos somos responsáveis. Pensando nisso, as aulas foram elaboradas em torno dessas reflexões . Como convidada especial, trouxemos para dentro do ambiente escolar a artista plástica Silvia Matos, que é uma artista atuante na região, e que se prontificou a elaborar, com os alunos, o mural sobre Ética e Cidadania.

O convite feito à artista buscava atender ao objetivo do projeto de colocar os alunos em contato com os artistas sediados na comunidade onde vivem, ocasião em que podem esclarecer dúvidas sobre processos de produção, modos de vida do artista e outros temas pelos quais os alunos se interessam.

Os murais pretendem sempre ser motivo de mensagem para quem os observa. Então, consideramos que um mural poderia ser uma maneira eficaz de fixar mensagens que levassem à reflexão sobre o tema Ética e Cidadania, e contribuísse para a formação de novos homens e mulheres mais éticos e mais cidadãos. A idéia de um mural feito com os desenhos dos alunos causou um impacto grande na escola. Não só surgiram discussões sobre a temática da Ética e a Cidadania , como também despertou nos alunos que não executaram a pintura, o desejo de deixarem, também, suas marcas.

Os alunos puderam não só entrar em contato com novas formas de expressão artística, mas também com um tipo de trabalho que trouxe uma maior proximidade entre os alunos e a escola, já que os alunos fizeram um Mural localizado na frente do portão de entrada dos alunos.

A realização do Mural foi não só um motivo de realização pessoal dos alunos e particularmente de nós professores, como também uma amostra de que é possível provocar ações nos alunos que sejam voltadas à tentativa de transformar o espaço em que convivemos, num espaço mais democrático e crítico.

O processo de produção desse mural deu-se da seguinte forma. Após discussões referentes a temas ligados à ética e a cidadania como, por exemplo, questões ligadas à discriminação, ao preconceito, à preservação do meio ambiente e seus recursos naturais, o desmatamento, a poluição, as queimadas e outros diversos assuntos relacionados ao tema, os alunos fizeram desenhos e pinturas que discutiam esses assuntos e retratavam o seu pensamento em relação a eles. Os desenhos que tratavam os temas de maneira mais explícita foram selecionados. As crianças trabalharam diretamente com a artista plástica Silvia Matos, que promoveu uma espécie de oficina de produção e elaboração de um único desenho que reunisse todos os desenhos executados anteriormente. Após esse trabalho, os alunos passaram pelo processo de levar à parede com suas enormes dimensões, os mesmos traçados que haviam feito no papel.

Alguns alunos entrevistaram o público, no dia da inauguração do mural. Abaixo transcrevo algumas opiniões da comunidade:

“Eu achei muito interessante.” T. R. 5ª série

“Ficou muito legal e criativo.” J. 6ª série

“Está muito bonito!” M. 50 anos, mãe de aluno

“Eu achei legal, mas eu queria ter pintado.” B. 8ª série

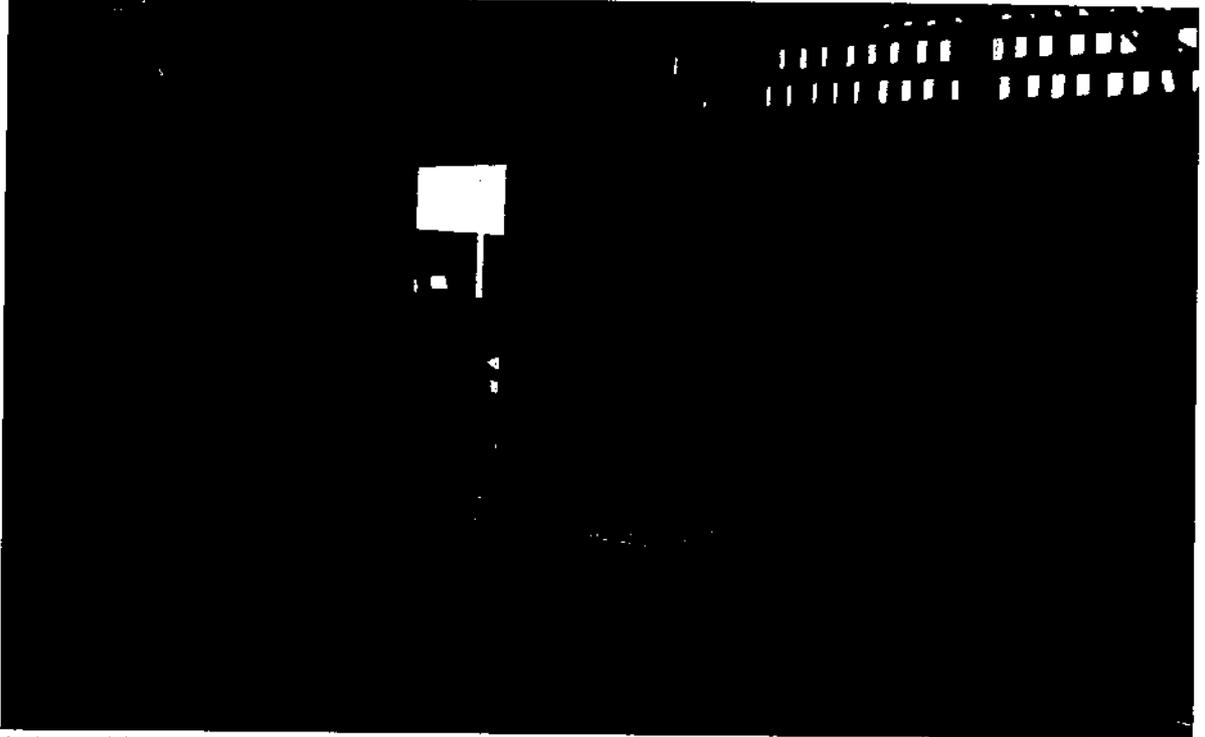
“Eu não gostei muito porque eu não ajudei.” T. 5ª série

“Eu achei que ficou lindo. Hoje, enquanto a banda tocava, eu fiquei olhando para o mural e descobri um monte de coisas legais nele...O azul da bandeira esparramou e virou um lago...Achei um monte de detalhes que eu não tinha notado!”(profa. de Língua Portuguesa).

O mural foi inaugurado oficialmente em solenidade que contou com a presença da artista Sílvia Matos, dos vários integrantes do projeto Fapesp, dos alunos, pais e comunidade. A inauguração do mural teve também a presença da Banda da Polícia Militar. Aproveitando a ocasião foi feita uma exposição na sala ambiente, dos trabalhos realizados durante o nas aulas de Artes do Ensino Fundamental e Médio. Através de instalações e montagens tradicionais, diversos trabalhos de alunos, representantes de todas as séries, foram expostos.



Inauguração do Mural Ética e Cidadania : Profa. Maria Alice Oblessuc, Profa. Mariene, Prof. Newton e a artista plástica Silvia Matos.



Sala-ambiente de Artes em exposição na escola

6. AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA COM AS SALAS AMBIENTE

Na EE Barão Geraldo de Rezende a organização das salas-ambiente ocorreu durante o desenvolvimento do projeto de parceria com a Universidade, com o objetivo de proporcionar a alunos e professores melhores condições de trabalho. Na ocasião foram organizadas quatro salas ambiente: a de Artes, a de História, a de Língua Portuguesa e a sala utilizada pelas disciplinas Ciências, Biologia, Física e Química.

A Implementação das salas ambiente possibilitou mudanças significativas na prática pedagógica desta escola, os professores da E.E. Barão Geraldo de Rezende, que assumiram as salas ambientes não o fizeram simplesmente porque viram na TV, ou em manuais práticos de educação. Fizeram porque pesquisaram e concluíram que seria a melhor maneira de promover a aprendizagem de seus alunos. A organização das salas permitiu consolidar aprendizagens e criaram espaço de reflexão e de ensino onde antes a experiência tradicional não havia conseguido. Infelizmente, findo o projeto FAPESP, a escola passou por grandes transformações devido a intensa e constante troca de professores, direção da escola e substituição de funcionários. A nova gestão escolar resolveu modificar as estruturas até então adotadas e fazer com que a escola retomasse seus hábitos antigos onde os professores é que se movimentavam pela escola e não os alunos.

No caso aqui apresentado, o da EE Barão Geraldo de Rezende, não foram realizadas discussões que assegurassem, durante o planejamento e re-planejamento, ou ainda, em reuniões pedagógicas, a continuidade do bom funcionamento das salas ambiente tal como ocorreu durante o período em que o projeto FAPESP esteve em vigor na escola. Isso acabou por dar seqüência a uma série de complicações na convivência escolar. Por exemplo, as salas passaram a contar apenas com aqueles professores que estavam dispostos a ser responsáveis inclusive pela sua limpeza. Também alguns alunos praticaram atos de vandalismo contra as salas por contarem com a impunidade e anonimato. Enfim, não existiu nenhuma forma de controle e zelo por parte da direção e administração escolar quanto aos materiais presentes nas salas- ambientes.

Tudo isso acabou resultando na extinção das salas-ambiente na escola durante o período de férias escolares (janeiro/fevereiro de 2004). Assim, no início de 2004 a escola voltou a ter suas salas de aulas com carteiras e cadeiras enfileiradas, com os alunos

alocados em um único espaço e sem as vantagens já citadas da estrutura de uma sala ambiente conforme descrito anteriormente. Demonstrando completo desconhecimento sobre o projeto de pesquisa realizado anteriormente, a Direção da escola arbitrariamente decidiu extinguir as salas ambiente, sem conceder aos professores a oportunidade de refletirem sobre os problemas apontados e argumentarem contra ou a favor da manutenção das salas ambiente. Atualmente vemos o problema se agravar pelo simples fato dos equipamentos conseguidos com a realização da parceria estarem “sumindo” da escola, apesar de serem constantes os boletins de ocorrência nesse sentido.

7. CONCLUSÃO

Durante o ano de 2000 quando participei das reuniões com os demais membros participantes da área de artes para elaboração e avaliação das ações e objetivos traçados para o subprojeto de arte recebi, por parte da equipe da Universidade, indicações de leituras e o incentivo para a reflexão e produção da escrita.

O subprojeto também me possibilitou uma maior experiência visual através de visitas à exposições e a outros eventos culturais, e a possibilidade de participar de cursos relacionados com os assuntos que tratávamos em sala de aula. Todas estas atividades foram aspectos geradores de um grande ânimo para a continuidade de meu trabalho na escola, pois quase sempre o ambiente escolar – direção, professores e alunos - não é receptivo às artes como disciplina geradora de conhecimentos relevantes.

Participando do subprojeto pesquisei, selecionei e organizei recursos didáticos; fizemos avaliações constantes das atividades desenvolvidas na escola; lemos e discutimos uma bibliografia que fundamentou as nossas ações em sala de aula. Também pesquisamos o material iconográfico que seria utilizado nas aulas de Educação Artística. Estas pesquisas foram feitas no LABORARTE - Laboratório de Estudos sobre Ensino das Artes, na Faculdade de Educação/UNICAMP, que possuía também uma hemeroteca e um banco de imagens iconográficas.

Particpei também de reuniões gerais (mensais), que congregaram todos os participantes do Projeto FAPESP. Os tópicos principais tratados nas reuniões eram as relações entre a Universidade/Escola, ensino e pesquisa e nossas práticas pedagógicas cotidianas.

Foi importante também a participação que tivemos nos eventos da cidade e do Estado como Cursos e Seminários, que serviram como fonte de reflexão e aprofundamento das questões que haviam aparecendo na nossa prática.

Nesse processo de desenvolvimento e formação de professores, possibilitada pela parceria entre Escola e Universidade, foi de extrema relevância para que a intermediação feita pelo professor através da linguagem, principal instrumento simbólico de representação da realidade e que desempenha papel fundamental, pudesse alçar com mais êxito a transformação das funções psicológicas elementares em superiores.

A sala ambiente é uma maneira muito pertinente para se unir conhecimento e motivação e todos os elementos necessários para o desenvolvimento do saber. Através da sala ambiente é possível, com a ajuda de escola e comunidade, provocar curiosidades à respeito da cultura de que se faz parte e de buscar conhecimentos de maneira mais criativa e salutar.

A escola pública deveria repensar os saberes escolares e a função da escola. Utilizar-se de um currículo integrado é uma das formas mais coerentes de se elaborar esse processo reflexão e transformação social e de reorganização da escola.

Tendo como parâmetro das nossas reflexões o projeto que foi realizado na EE Barão Geraldo de Rezende, podemos dizer que, quando a comunidade é chamada a participar, quando os professores são convidados a mudar velhos hábitos, e quando a Universidade é convidada a integrar-se ao ensino básico, torna-se possível articular conhecimentos que sejam globais e significativos.

A experiência realizada na E.E. Barão Geraldo de Rezende em parceria com a Universidade Estadual de Campinas demonstrou ser possível implementar práticas pedagógicas mais adequadas a contemporaneidade, novas formas de olhar, novas formas de se fazer, e o mais importante, novas formas de se criar a escola todos os dias. A escola não deve ser planejada para viver sempre do mesmo jeito, estagnada. Ela deve se renovar, através de práticas que promovam conhecimento, respeito, cidadania, dignidade e interação entre os indivíduos.

Tomando como pressuposto de nosso trabalho a idéia de que temos que criar condições para que os alunos se tornem cidadãos, pensem e atuem por si mesmos, que acima de tudo, sejam pessoas livres de manipulações e conduções externas, e que consigam ter a capacidade de pensar e examinar criticamente as idéias que lhes são apresentadas e a realidade social que partilham, é necessário promover na escola ações de investigação e de discussão.

Portanto, é possível concluir que, as salas-ambiente funcionam quando são integradas ao projeto pedagógico da escola e a própria implementação pode representar uma oportunidade de aprendizagem. Trata-se da criação de ambientes mais favoráveis à construção do conhecimento, orientada por uma proposta pedagógica de interação, que inclui trocas afetivas, formação de hábitos e respeito mútuo. Como encontramos em

Vygotsky, a elaboração de idéias e o estudo das manifestações artísticas e da cultura dos povos, pretendem garantir a conquista do conhecimento , desde que as atividades propostas para os alunos tenham por base as interações entre sujeito e objeto (mundo).

Bibliografia

- ABRAMOVICH, Fanny. *Quem educa quem?* São Paulo, Summus, 1985.
- BARBOSA, A M. *A imagem no ensino de arte.* São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.
- BHABHA, H.K apud SCORSI, Rosalia de Ângelo. *Na sala entre leitores: a sala-ambiente como local de cultura e memória.* In: Revista Leitura Teoria e Prática. ALB, 2002.
- BIANCHI, Maria do Carmo. *Os Livros na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende: Entre a Biblioteca e a Sala-Ambiente,* Mestrado na Faculdade de Educação Unicamp, 2003.
- BRASIL- Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte Ensino Fundamental. MEC/SEF, 1998.
- DISSANAYAKE, E. *What is art for?* Seattle: University of Washington Press, 1991.
- FERREIRA, Sueli. *O ensino das artes: Construindo caminhos.* Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- FORQUIN, J. *Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.* Porto Alegre: Arte Médicas, 1993.
- FUSARI, M.F.R. e FERRAZ, M. Heloísa C.T. *Arte na Educação educação escolar .* São Paulo. Cortez, 1992.
- HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA Montserrat. *A Organização do currículo por projetos de trabalho.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- IABELBERG, R. *Para gostar de aprender arte: sala de arte e formação de professores.* Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LOWENFELD, Viktor, BRITTAIN, W.L. *Desenvolvimento da Capacidade criadora.* São Paulo, Mestre Jou, 1977. Trad.Álvaro Cabral.
- MASON, R. *Por uma arte-educação multicultural.* Campinas, SP, Mercado das Letras, 2001. Trad. Rosana Horio Monteiro.

- NÓVOA, António. *Relação Escola-Sociedade: novas respostas para um velho problema*. In: Serbino, Raquel Volpato et al.(orgs). *Formação de Professores*: Ed. UNESP, 1996.
- PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. *Sala Ambiente: Invocando, convocando, provocando a aprendizagem*. In: *Jornal Semestral do GEPCE (Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência e Ensino) FE/Unicamp*, dezembro, 1997.
- PORCHER, Louis (org.) *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo, Summus, 1982.
- READ, Hebert Edward, Sir. *O sentido da arte*. São Paulo, Ibrasa, 1987.
- REILY, Lúcia Helena. *Atividades de artes plásticas na escola: hoje é meu dia, dona aula de artes?* São Paulo, Pioneira, 1986.
- RIBEIRO, Rita. *Barão Geraldo: História e Evolução*. Campinas: Editora do Autor, 2000.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Escola nas férias: aprendendo sempre*. São Paulo: SE/CENP, 2001.
- SERBINO, Raquel Volpato e BERNARDO, Maristela V.C. *Educadores para o século XXI: uma nova visão multidisciplinar*. São Paulo, Unesp, 1992.
- SILVEIRA, Eliane. *Salas-laboratório, jornal, oficinas, teatro, dança...*In: *Revista Nova Escola*, maio, 1992, p.42-45.
- VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.